

## **MULHERES RIBEIRINHAS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA ODS 10 (Redução das Desigualdades)**

Lorena M. Cavalleiro de Macêdo (UNITAU)

Profa. Dra. Mírian C. M. Garrido (UNITAU)

### **Introdução**

As comunidades ribeirinhas compreendem populações que habitam às margens dos rios e têm na pesca, na agricultura e no extrativismo suas principais formas de subsistência. Nesses grupos, a mulher desempenha papel central como articuladora familiar, cuidadora e responsável pela manutenção financeira do núcleo doméstico.

Com o intuito de promover melhores condições de vida a essas comunidades, foi instituído o Plano Nacional de Fortalecimento das Comunidades Extrativistas e Ribeirinhas (Planafe), em 2018, que estabelece quatro eixos de ação: inclusão social; fomento à produção sustentável; infraestrutura; e gestão ambiental e territorial. Nesse contexto, a análise das experiências narradas pelas mulheres ribeirinhas se mostra relevante para o avanço científico e político de grupos historicamente marginalizados.

A apresentação é parte do projeto de pesquisa que objetiva compreender a realidade dessas mulheres, reconhecendo sua centralidade nas experiências vividas pela comunidade.

### **Revisão da literatura**

Os fundamentos teóricos deste projeto se apoiam na reflexão crítica sobre os processos de exclusão histórica e social que marcam as comunidades ribeirinhas no Brasil. Conforme analisa Michel-Rolph Trouillot (1995), a produção da história é atravessada por silenciamentos estruturais em quatro momentos decisivos: criação, reunião, recuperação e significação dos fatos. Assim, determinados grupos, como os ribeirinhos, foram relegados à condição de “excluídos da história”, invisibilizados por narrativas oficiais vinculadas a interesses coloniais, econômicos e políticos. Essa perspectiva dialoga com Walter Benjamin (2016), para quem todo documento de cultura é igualmente documento de barbárie, evidenciando que as histórias celebradas de progresso carregam, simultaneamente, marcas de exclusão e destruição.

No Brasil, a marginalização das comunidades ribeirinhas é observada tanto na ausência de políticas específicas quanto na ameaça constante de empreendimentos como hidrelétricas, mineração e agronegócio. Ribeiro (2014) ressalta que tais

populações detêm saberes ecológicos tradicionais sistematicamente desconsiderados pelas políticas públicas. Autores da teoria social brasileira, como Darcy Ribeiro (1995) e Ruy Braga (2020), reforçam a tese de que o país foi estruturado como um “projeto de exclusão social”, em que a precarização do trabalho e o avanço da informalidade recaem de forma desproporcional sobre mulheres pobres e mães solo, sobrecarregadas pelo abandono estatal e pela transferência de responsabilidades sociais para a esfera familiar. Nesse sentido, David Harvey (2005) critica o neoliberalismo como projeto político que aprofunda desigualdades ao reduzir o Estado e individualizar responsabilidades sociais.

No campo das comunidades tradicionais, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Pereira e Witkoski (2007), bem como Lira e Chaves (2016), descrevem os ribeirinhos como populações profundamente ligadas ao ciclo hidrológico amazônico, cujas práticas produtivas, sociais e culturais dependem da sazonalidade do regime fluvial. Apesar de possuírem instrumentos legais de reconhecimento e proteção — como o Decreto nº 6.040/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, e o Decreto nº 9.334/2018, que cria o Planafe —, a implementação dessas políticas enfrenta entraves estruturais, como insuficiência de recursos, dificuldades logísticas e falta de regularização fundiária.

Dessa forma, a abordagem teórica aqui adotada evidencia que compreender as vozes e experiências das mulheres ribeirinhas é um ato político e científico, voltado à superação do silenciamento histórico e à valorização de modos de vida que resistem em meio à precarização social, ao abandono institucional e às ameaças ambientais. Um município do Pará, escolhido como recorte empírico, constitui exemplo significativo dessa realidade, em que a pesca artesanal e a agricultura familiar sustentam a economia local, ao mesmo tempo em que expõem a vulnerabilidade das famílias ribeirinhas diante da ausência de políticas eficazes.

## **Método**

A metodologia deste projeto adota delineamento qualitativo, descritivo-exploratório, fundamentado na História Oral como principal recurso, conforme Ribeiro (2007; 2021). Essa escolha permite valorizar as vozes das mulheres ribeirinhas,

reconhecendo suas narrativas como fontes de conhecimento e de produção de sentido sobre a realidade.

As participantes serão mulheres maiores de 18 anos, residentes em comunidades ribeirinhas, selecionadas a partir de indicação local e conforme critérios de inclusão. O processo de coleta será estruturado em etapas: aproximação comunitária, aplicação de ficha sociodemográfica e entrevistas de História Oral. As entrevistas ocorrerão em espaços seguros e acessíveis, com registro em áudio, observação e registro de aspectos contextuais.

A análise seguirá os princípios da História Oral, que compreende a entrevista como encontro de narrativas. O processo incluirá transcrição fiel, preservando marcas da oralidade, organização dos materiais e interpretação em eixos temáticos. A análise será dialética, articulando partes e totalidade, de modo a identificar padrões, sentidos e visões de mundo construídos pelas colaboradoras (Ribeiro, 2007). A interpretação integrará narrativas individuais ao referencial teórico, buscando equilíbrio entre memória e crítica analítica.

A pesquisa respeitará a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, assegurando anonimato, confidencialidade e proteção das participantes. Dessa forma, a metodologia sustenta rigor científico e compromisso ético, assegurando que as vozes das mulheres ribeirinhas não apenas sejam registradas, mas reconhecidas como expressão legítima de memória coletiva e resistência social.

### **Resultados ou Resultados Esperados**

Espera-se que a pesquisa contribua para a valorização das experiências de mulheres ribeirinhas, trazendo à luz narrativas que expressem as estratégias de sobrevivência, resistência e organização comunitária. A sistematização dos relatos possibilitará identificar de que forma as mulheres assumem a centralidade no cuidado familiar, na manutenção econômica e no enfrentamento das condições de vulnerabilidade social.

Além disso, espera-se compreender como essas narrativas dialogam com os eixos propostos pelo Plano Nacional de Fortalecimento das Comunidades Extrativistas e Ribeirinhas (Planafe), especialmente no que se refere à inclusão social, ao fomento da produção sustentável e à gestão territorial. A análise poderá indicar

lacunas entre as políticas públicas e a realidade vivida, evidenciando a necessidade de maior sensibilidade governamental para incorporar as demandas específicas desse grupo.

Do ponto de vista acadêmico, pretende-se contribuir para o campo da História Oral e dos estudos qualitativos, mostrando o potencial das narrativas de mulheres ribeirinhas como fonte de conhecimento científico e como expressão legítima de memória coletiva. A valorização de suas experiências poderá fomentar novas abordagens interdisciplinares, associando áreas como saúde coletiva, ciências sociais e políticas públicas.

### **Considerações Finais**

A pesquisa evidencia a importância de reconhecer o protagonismo feminino nas comunidades tradicionais amazônicas, destacando seu papel central na sustentabilidade econômica, cultural e social. Ao valorizar suas narrativas por meio da História Oral, o estudo propõe não apenas o registro de experiências, mas também um ato político de resistência e reparação simbólica frente ao silenciamento histórico que marcou esses grupos. As vozes dessas mulheres revelam estratégias de sobrevivência, autonomia e fortalecimento comunitário, oferecendo novas perspectivas para compreender o desenvolvimento sustentável na Amazônia.

### **Referências**

AGÊNCIA SENADO. Congresso aprova MP 1.301/2025 que cria o programa Agora Tem Especialistas. Brasília, 24 set. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias>. Acesso em: 25 set. 2025.

BRAGA, Ruy. Periferia, pandemia e precarização do trabalho. Entrevista concedida ao Brasil de Fato, 2021.

Brasil. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. *Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais*. Diário Oficial da União, Brasília, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos (orgs.). *Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007. 224 p. ISBN 8574012636.

Gama, A. S. M.; Fernandes, T. G.; Parente, R. C. P.; Secoli, S. R. "Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil." *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 2, p. 17-22, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/mwMkWh6GnCjwCMhLsgrVRDb/>. HARVEY, David. *O Neoliberalismo: História e Implicações*. São Paulo: Loyola, 2005.

IPEA. “O ribeirinho e seu território tradicional: regularização fundiária” — estudo/nota técnica sobre a importância da titulação para acesso a políticas. 2016.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. “Comunidades Ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política.” *Interações: Revista da UFMS*, Campo Grande, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: SciELO.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. Editora UFPR. R. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.

Motta-Maués, M. A. *Mulheres, trabalho e família: cotidiano de mulheres trabalhadoras na Amazônia*. Belém: UFPA, 1993.

NOGUEIRA, R. (2023). Revisão sobre atuação das populações ribeirinhas em políticas de recursos hídricos no Pará. *Comunicação Acadêmica*, 2023.

PLANO NACIONAL DE FORTALECIMENTO DAS COMUNIDADES EXTRATIVISTAS E RIBEIRINHAS - PLANAFE. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/decreto/d9334.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9334.htm)  
Acesso em: 03 set. 2025

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Narrativas e Entrevistas em Pesquisas Qualitativas: história oral como possibilidade teórico-metodológica. *Revista Ciências Humanas*, v 14, e25, n1 a 724, 2021.